

APRESENTAÇÃO

Neste volume de *Anos 90*, estão os resultados de um longo trabalho realizado por docentes e alunos do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS em torno do estudo e da pesquisa de História Medieval desde a década de 1990. Os textos aqui publicados foram preparados em diferentes circunstâncias, para atender a diversas atividades relacionadas com Portugal e Espanha na Idade Média. Daí o título proposto: **Estudos sobre a Idade Média peninsular**.

Com efeito, entre os anos de 1994 e 2002, algumas atividades de extensão realizadas nas dependências da UFRGS tornaram possível o debate e o aprofundamento dos conhecimentos sobre o medievo. Neste período, medievalistas de várias partes do mundo compareceram em três eventos acadêmicos internacionais: Neithard Bulst (Universidade de Bielefeld, Alemanha) e Hilário Franco Júnior (USP) participaram como conferencistas do *I Simpósio Internacional de História Antiga e Medieval do Cone Sul*, promovido pelo setor de História Antiga, em 1994, com o apoio da SBEC; Humberto Baquero Moreno (Universidade do Porto), José Roberto de Almeida Mello (USP) e Ivone Marques Dias (UFRJ) estiveram entre os conferencistas do *II Simpósio Internacional de História Antiga e Medieval do Cone Sul*, em 1996, organizado pelo Setor de História Antiga, com o apoio da SBEC/SMED-PMPA; trinta e dois conferencistas provenientes da Europa (Alemanha, Espanha, França, Inglaterra, Itália e Portugal) e da América (Argentina, Chile, EUA, Venezuela), entre os quais Jean-Claude Schmitt (EHESS – Paris) e António Henriques de Oliveira Marques (Universidade Nova de Lisboa), participaram das principais sessões de trabalho do *II Encontro Internacional de Estudos Medievais*, promovido conjuntamente pela *Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM)* e pela PROEXT-UFRGS, em 1997¹.

Além disso, desde pelo menos 1997, trabalhos de pesquisa de inicia-

¹ MACEDO, José Rivair & CARVALHO ARMANDO, Maria Luiza de (orgs.). *Atas do II Encontro Internacional de Estudos Medievais. Humanas*: Revista do IFCH - UFRGS, Porto Alegre, vol. 21, n. 1, 1998, 2 tomos.

ção científica orientados por professores do setor de História Medieval e a orientação de Dissertações de Mestrado no PPG em História tornaram possível a produção de conhecimento a respeito da Idade Média peninsular – espaço privilegiado sobretudo devido à disponibilidade de documentação primária no acervo de nossas bibliotecas². O interesse pela Idade Média, partilhado por docentes, por alunos de graduação e por alunos de pós-graduação teve como principal resultado a criação, em 1999, do **GT de Estudos Medievais**, filiado à ANPUH-RS. Desde sua criação, o grupo tem se reunido mensalmente para discutir temas e problemas do medievo e já promoveu duas importantes atividades de extensão universitária: o seminário *Guerra Santa e Cristandade na Idade Média*, ocorrido de 07 a 11 de agosto de 2000, com a participação de membros do GT, e dos convidados Klaus Militzer (Universidade de Bochüm - Alemanha) e Ricardo da Costa (UFES); e a *Semana Afonsina*, ocorrida de 1º a 5 de abril de 2002, com apresentação de trabalhos dos membros do grupo e a participação da Profa. Maria Luiza de Carvalho Armando (UFRGS).

A primeira seção do volume, **Saber e poder ao tempo de Afonso X de Castela**, resulta justamente das apresentações da *Semana Afonsina*. Por isto, congrega títulos preparados por acadêmicos de cursos de graduação (Rita de Cássia B. Campos; Marina Kleine), pós-graduandos em Mestrado e Doutorado (Carlinda F. Mattos; Laura B. Varela), mestres (Luciane de Souza) e docentes do Departamento e do PPG em História (Cybele Crossetti de Almeida; José Rivair Macedo). A segunda, **Cultura e sociedade em Portugal**, contém títulos apresentados no *II Encontro Internacional de Estudos medievais* (Maria Alegria Marques, atual Vice-Diretora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal) e no seminário *Guerra Santa e Cristandade* (Ricardo da Costa, da UFES), além de estudos derivados de dissertações de mestrado desenvolvidas no PPG de História (Aline Dias da Silveira; Nei Nordin). A terceira, **Resumos de dissertações defendidas no PPG de História sobre Idade Média**, pretende tornar público os resultados obtidos na UFRGS com a formação de seus primeiros medievalistas.

² A listagem de fontes primárias impressas das bibliotecas de Porto Alegre e adjacências, organizada por José Rivair MACEDO, está publicada em MONGELLI, Lênia Márcia (org.). *Fontes primárias da Idade Média: séculos V-XV*. Cotia-SP: Ed. Ibis/ABREM, 1999, vol. 2, p. 8-135.

A atenção dedicada a Afonso X, o Sábio*, deve-se ao seu papel de primeiro plano na história europeia do século XIII. Nascido em 1221 e governante de Leão e Castela entre 1252 e 1284, sua atuação transcorreu num momento fundamental da consolidação dos reinos ibéricos. Ligado por laços de parentesco a alguns dos mais importantes governantes do período (era filho de Beatriz da Suábia, prima de Frederico II de Hohenstaufen, do Sacro Império; primo de São Luís, rei da França; cunhado de Jaime I, rei de Aragão; e sua irmã era casada com Eduardo I, rei da Inglaterra), obteve vitórias e derrotas dentro do reino, além de importantes derrotas em certas empresas de dimensão “internacional” – sobretudo na ruínosa, dispendiosa e fracassada campanha para eleger-se titular do Sacro Império. As rivalidades familiares (primeiramente com os irmãos, depois com o filho), motivadas sobretudo pela sucessão, provocaram revoltas da nobreza, uma das quais, liderada pelo futuro Sancho IV, teve por consequência o afastamento de Afonso do trono³.

O cognome “o sábio”, atribuído pela posteridade, deve-se ao fato de ele ter privilegiado a difusão do saber, fomentando a criação de centros de estudo, escolas capitulares e universidades⁴, dando apoio direto aos tradutores de Toledo, mantendo diversos *scriptorium* com sábios versados nos mais diferentes campos do conhecimento. Daí a complexidade e heterogeneidade da obra jurídica, científica e literária escrita em sua época e sob seu patrocínio e das traduções efetuadas por eruditos judeus de textos de autores islâmicos do árabe para o castelhano⁵. O

* Não há consenso entre os estudiosos brasileiros e portugueses sobre modo de nomear o personagem. Às vezes o nome aparece grafado de acordo com a forma castelhana, *Alfonso* (ver, p. ex., o verbete ‘Alfonso X’ em LANCIANI, Giulia & TAVANI, Giuseppe. *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Ed. Caminho, 1993, p. 36-41), outras vezes aparece de acordo com a forma portuguesa, *Afonso* (ver a tradução de Álvaro Cabral, com revisão técnica de Hilário Franco Jr, na obra de LOYN, Henry R. *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992, p. 6-7).

³ BURNS, Robert I. “Castillo de razón, castillo de fuerza: los mundos de Alfonso el Sabio y Jaime el Conquistador”. In: IDEM (org.). *Los mundos de Alfonso el Sabio y Jaime el conquistador: razón y fuerza en la Edad Media*. Valencia: Edicions Alfons el Magnànim, 1990, esp. p. 30-32.

⁴ PEDRERO-SANCHEZ, Maria Guadalupe. “O saber e os centros de saber nas *Siete partidas* de Alfonso X, o Sábio”. In: DE BONI, Luís Alberto (org.). *A ciência e a organização dos saberes na Idade Média* (Coleção Filosofia, 112). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 191-210.

⁵ VILLANUEVA, Francisco Márquez. *El concepto cultural alfonsi*. Madrid: MAPFRE, 1994; PROCTER, Evelyn S. *Alfonso X of Castile: patron of literature and learning*. Oxford: Clarendon Press, 1951.

conjunto das obras legislativas afonsinas aparece definido e retratado por Laura Varela em **Breve panorama sobre a obra jurídica do reinado de Afonso X de Castela**. Por sua vez, a concepção de saber e de ciência que orientam uma das primeiras traduções de proveniência islâmica feitas a seu pedido é analisada por Carlinda Mattos em **A astrologia na corte de Afonso X: o *Libro de las Cruces***.

Não há dúvida de que as idéias desenvolvidas pelo monarca tiveram suma importância na germinação de uma idéia de Estado e de nação na Espanha. As implicações de sua obra na definição de noções de lei e justiça, bem como em diversas alternativas de centralização do poder real, são detalhadamente examinadas por Cybele de Almeida em **Considerações sobre o uso político do conceito de justiça na obra legislativa de Afonso X**. Neste mesmo sentido, Luciane de Souza aprofunda a questão da reapropriação da noção de “coisa pública” através da aplicação do conceito de crime de lesa-majestade tal qual aparece nas *Siete Partidas*, no estudo **Traição e lesa-majestade no pensamento de Afonso X**. Para completar, valendo-se do testemunho da lírica produzida pelo rei, ou para o rei, Marina Kleine discute as formas de afirmação da monarquia no estudo **Afonso X e a legitimação do poder real nas *Cantigas de Santa Maria***.

Afonso herdou os frutos deixados pela decisiva vitória da coligação cristã contra os mouros almoôdas na batalha de Las Navas de Tolosa, ocorrida em 1212. Desde sua coroação, governou território muito extenso no qual estavam inseridas inúmeras comunidades judaicas e muçulmanas que haviam sido recentemente reconquistadas e ainda estavam em processo de incorporação ao reino castelhano,⁶ de todo modo teve que se defrontar com o problema da coexistência entre populações de diferentes credos religiosos. Este é o tema de estudo do trabalho de Rita de Cássia Boeira Campos, **Situação legal dos judeus em Castela medieval: uma tolerância limitada**, dedicado à análise do enquadramento jurídico dos judeus no *Fuero Real* e à compreensão do alcance da noção de tolerância na Idade Média. De modo similar, procuramos discutir a situação legal das populações islâmicas vencidas que permaneceram sob domínio cristão em nosso próprio trabalho **Afonso, o Sábio e os mouros: uma leitura das *Siete Partidas***.

⁶ VALDEON, Julio. “Alfonso X el Sabio: semblanza de su reinado”. *Revista de Occidente*, Madrid, vol. 43, 1984, p. 15-27, esp. 17-18.

Na segunda seção, Maria Alegria Marques oferece um rico panorama das relações entre Afonso III e os bispos de Portugal, com base em documentos do Arquivo do Vaticano, em seu artigo **Poder real e Igreja em Portugal no século XIII: contributo do Arquivo do Vaticano**. Aspectos fundamentais das representações coletivas de caráter cristológico e de ampla dimensão simbólica gestadas por ocasião da Reconquista são desenvolvidos no estudo **A mentalidade de cruzada em Portugal (séculos XII-XIV)**, de Ricardo da Costa⁷.

As implicações culturais na produção da memória coletiva em textos fundadores da tradição histórica em Portugal direcionam outros trabalhos desta seção. Por esta razão é que Nei Nordin dedicou atenção ao estudo do papel desempenhado pelos valores associados com a cavalaria, inclusive o papel de personagens romanescos arturianos, na figura do herói desenvolvida na crônica portuguesa quatrocentista, no estudo **O ideário cavaleiresco e o universo arturiano nas crônicas de Fernão Lopes**. Outra interessante perspectiva de análise é apresentada por Aline Dias da Silveira no artigo **O “maravilhoso” no Livro de Linhagens do Conde D. Pedro: uma proposta de análise**, em que estabelece o sentido das apropriações mítico-literárias na literatura genealógica do século XIV a partir de uma análise estrutural e conjuntural do tema do pacto feérico.

Eis, em grandes linhas, as questões tratadas nas duas principais seções do volume. Esperamos que o conteúdo ali expresso estimule ainda mais o debate, que contribua para o aprofundamento dos estudos medievais no Rio Grande do Sul e que, no futuro, outras publicações desta natureza ganhem espaço em nosso meio!

JOSÉ RIVAI MACEDO
Coordenador do volume

⁷ Trata-se de síntese parcial de sua obra *A guerra na Idade Média – um estudo da mentalidade de Cruzada na Península Ibérica*. Rio de Janeiro: Ed. Paratodos, 1998.